PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES QUANTO À IMPLANTAÇÃO DE AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO APOIO AO ENSINO PRESENCIAL

Curitiba-PR- Abril-2014

Gabriela Eyng Possolli- Faculdades Pequeno Príncipe- gabriela.possolli@fpp.edu.br
Patricia Maria Forte Rauli- Faculdades Pequeno Príncipe- patricia.rauli@fpp.edu.br

Investigação Científica

Educação Superior

Tecnologia Educacional

Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Os alunos do século XXI demandam uma educação mais flexível, capaz de gerar aprendizagem crítica e transformadora, que permita a consolidação do processo de aprender a aprender continuamente. Mediante tal cenário, instituições de ensino superior dos mais variados portes buscam intensificar e consolidar a utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem. Partindo destas considerações, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar a percepção sobre o processo de implantação de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na perspectiva dos discentes de uma instituição de ensino superior, localizada na cidade de Curitiba-Paraná, que tem como foco a formação de profissionais para a área da saúde. O texto inicia com uma reflexão a respeito do ciberespaço e de sua influência na educação superior. Em seguida, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da investigação, bem como os resultados e análise dos mesmos. Como conclusão apresenta algumas diretrizes e estratégias a serem consideradas na implantação de AVAs no contexto da educação superior, enfatizando as contribuições dos mesmos na construção de uma educação dialógico-problematizadora de qualidade, permitindo a participação ativa do educando pela interação em estratégias de aprendizagem dinâmicas, contextualizadas e inovadoras.

Palavras chave: ambiente virtual de aprendizagem; ensino de graduação; percepção discente

1- Introdução

Os alunos do século XXI demandam uma educação mais flexível, capaz de gerar aprendizagem crítica e transformadora, que permita a consolidação do processo de aprender a aprender continuamente. Mediante tal cenário, instituições de ensino superior dos mais variados portes buscam intensificar e consolidar a utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Souza (2009), na contemporaneidade o professor da educação superior não pode ignorar as potencialidades das TICs, uma vez que sua exclusão pode significar "obsolescência pedagógica". Reali e Simião (2007) corroboram a ideia de que, ao refletirmos sobre um sistema educacional ligado com a inovação e o desenvolvimento, o uso das tecnologias educacionais com suporte web é evidenciado. Na concepção de Netto (2005, p. 124), além de inovar a educação, a "tecnologia educacional possibilita a reflexão a respeito da mecanização excessiva do processo educacional".

Todavia, a implementação de uma nova cultura pedagógica, capaz de incluir as TICs em situações de aprendizagem ativa, crítica, criativa e colaborativa desequilibra as estruturas tradicionais, incitando a comunidade acadêmica a refletir sobre diferentes processos como: Que estratégias as Instituição de Educação Superior podem utilizar para promover processos virtuais de aprendizagem? Ao iniciar o processo de inclusão de mídia digitais em processos de ensino-aprendizagem, quais as principais impressões dos alunos? Como produzir, compartilhar, colaborar e cooperar utilizando-se da Internet?

Partindo desta problematização, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar a percepção discente a respeito do processo de implantação de um ambiente virtual de aprendizagem em uma instituição de ensino superior.

O texto inicia com uma reflexão a respeito do ciberespaço e de sua influência na educação superior. Em seguida, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da investigação, bem como os resultados e análise dos mesmos. Como conclusão apresenta algumas diretrizes e estratégias a serem consideradas na implantação de AVAs no

contexto da educação superior, enfatizando suas especificidades no que se refere ao ensino na área da saúde.

2- Referencial teórico

2.1 - O ciberespaço e os ambientes virtuais de aprendizagem na educação superior

Levy (1999) e Lemos (2008) compreendem o ciberespaço como um ambiente de comunicação determinado por um conjunto de redes de computadores interconectados. O potencial do ciberespaço estaria principalmente na sua capacidade de viabilizar um tipo de comunicação e interação social livre e autônoma, além de possibilitar a democratização dos meios de comunicação, criando novos espaços de troca para além dos tradicionais. Essas trocas perpassam os limites de espaço e tempo, permitindo a criação de novas formas de cultura.

No âmbito educacional, o ciberespaço possibilita ampliar o acesso à informação e a construção do conhecimento. Na atualidade, as TICs influenciam a educação formal como um todo, alterando a rotina de professores e alunos. Sobretudo na última década, com a popularização de internet e mais recentemente com a grande proliferação de redes sociais, os ambientes online têm ganhado força como importantes ferramentas didáticas para acesso a informação, interação e produção coletiva de saberes.

Marques e Caetano (2002, p. 133) destacam que a informática traz ganhos positivos ao ensino “se for pensada numa perspectiva de trabalho conjunto que contribua na superação de limites próprios das práticas repetitivas, de mera transmissão unilateral”, ajudando a superar o instrucionismo mecanicista que imperou por tanto tempo nas práticas pedagógicas da educação superior.

Os ambientes virtuais de aprendizagem estão se difundindo e se tornando mais acessíveis e, em tal contexto, gestores e professores se deparam com o desafio de descobrir formas de incorporá-los. Os AVAs disponibilizam tecnologias em rede com variadas estratégias de oferta de conteúdos, atividades, comunicação, troca de experiências e sistematização de

construções individuais e coletivas, permitindo melhorar as formas de ensino e aprendizagem.

Ressalta-se, todavia, que o processo de inclusão de recursos informatizados na educação obtém maior efetividade quando inserido em uma proposta pedagógica em consonância com os princípios e metas institucionais de maneira a integrar todos os agentes (professores, alunos e gestores) trabalhando juntos em benefício da aprendizagem. Neste sentido, a utilização de novas tecnologia e o uso de ambientes virtuais de aprendizagem precisam ser acompanhados de um processo avaliativo rigoroso, cabendo às IES promoverem discussões críticas a cerca desta nova cibercultura que se instala e que modifica a própria cultura educacional.

3- Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior de médio porte, situada na cidade de Curitiba-Paraná. A IES é uma instituição de caráter privado-filantrópico, que tem como foco a formação de profissionais para a área da saúde.

O público pesquisado congregou discentes dos cursos de Graduação em Enfermagem, Biomedicina, Farmácia e Psicologia. O programa piloto incluiu o desenvolvimento de um curso de extensão em redação voltado aos alunos do último ano, além de duas disciplinas no formato de dependências.

A pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2013 a fevereiro de 2014. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário composto por sete questões (abertas e fechadas) que tinham por objetivo investigar como foi a experiência de uso do AVA para os alunos, quais suas sugestões e como vivenciaram a aprendizagem online com relação aos conteúdos e as possibilidades de interação e trocas de conhecimentos.

4- Apresentação e Discussão dos resultados

A primeira questão — “Avalie a sua satisfação com relação ao Material Didático do curso e Ferramentas de Comunicação” — referia-se ao conteúdo e

comunicação no AVA. Nesta foram avaliados o Plano de Trabalho (roteiro de estudos, conteúdos e atividades) e a Comunicação no AVA (correio, edital, fórum), para os quais deveria atribuir-se um dos seguintes conceitos: “Insatisfeito; Pouco Satisfeito; Medianamente Satisfeito; Muito Satisfeito; Extremamente Satisfeito”.

O percentual de satisfação com o Plano de Trabalho foi de 0% insatisfeitos ou pouco satisfeitos; 41% dos alunos medianamente satisfeitos; 58% muito ou extremamente satisfeitos. Percentual de satisfação com a comunicação via AVA: 0% insatisfeitos ou pouco satisfeitos; 17,5% dos alunos medianamente satisfeitos; 82,5% muito ou extremamente satisfeitos. Tal cenário demonstra que a metodologia empregada para o desenvolvimento do conteúdo por meio de Plano de Trabalho foi bem estruturada e agradou os alunos. Demonstra, ainda, que as ferramentas de comunicação e disparo de informes por email foram eficientes, bem como as estratégias de aprendizagem, utilização de vídeos, atividades interativas e feedbacks individualizados proporcionaram um contexto eficaz de ensino-aprendizagem.

A partir da primeira questão enunciou-se uma segunda em que se questionou: “Com base no grau de satisfação que você definiu na questão anterior, quais suas principais considerações a fazer sobre o Plano de Trabalho, conteúdos, atividades, cronograma, interação (fórum e correio) e estratégias didáticas na aprendizagem via AVA? Procure detalhar o que mais gostou e o que mudaria”.

As respostas referendaram as conclusões da questão anterior, dentre as quais se destacam algumas contribuições conforme segue: “Plano de trabalho bem aplicado. As atividades foram expostas de maneira clara e objetiva”; “Gostei muito da variedade de informações disponibilizadas para cada conteúdo, como vídeos, textos, artigos, etc”; “A comunicação foi muito eficiente. Atividades estão de acordo com o objetivo do curso”; “Gostei do conteúdo das atividades, mas exigiu muito tempo para realiza-las”; “As estratégias são muito boas, o fórum e correio também foram ferramentas importantes”.

Uma reclamação foi apontada em várias contribuições nas respostas da questão dois: a falta de tempo para dedicação por parte dos alunos do

último ano. Esse apontamento pode ser percebido nas respostas que resumem a posição dos alunos para que o curso seja realizado em outro período: “O plano de trabalho ficou pesado devido a época que foi ofertado, pois tínhamos muitas coisas para fazer, e muitas vezes não dava tempo de fazer as atividades do AVA. Estávamos desenvolvendo o TCC, fazendo estágio obrigatório, o estágio remunerado, entre outras atividades”.

A terceira questão — “Como avalia sua aprendizagem com relação à ação da qual participou no AVA FPP (possível marcar mais de uma opção desde que não sejam excludentes)” — obteve o seguinte resultado: 76,5% marcaram a opção “Adquiri novos conhecimentos e revisei conteúdos que já dominava. 35,3% consideraram que “Minha aprendizagem foi mediana pois não consegui me dedicar muito (falta de tempo); 11.8% consideraram que “Me dediquei e aprendi bastante”.

A satisfação dos alunos com a própria aprendizagem no AVA não depende somente do esforço individual, mas também da qualidade das interações realizadas, o sentido de pertencimento a um grupo que construiu saberes juntos e no tratamento atencioso e dedicado dado pelos professores-tutores. Conforme destaca Tijiboy (2009, p.09), em contextos de educação a distancia através de Ambientes Virtuais de Aprendizagem não bastam apenas habilidades técnicas por parte do professor-tutor para garantir ações eficazes de ajuda, também há necessidade de “boas doses de disponibilidade interna, de atenção e de afeto”.

As questões quatro e cinco versavam sobre vantagens e desvantagens da aprendizagem via AVA. Na quarta perguntou-se “Selecione as opções que na sua opinião traduzem VANTAGENS da aprendizagem via AVA (marque quantas quiser e se desejar escreva mais uma vantagem com base na sua experiência)”. Nenhuma opção extra foi descrita e o resultado para as outras quatro apresentadas foi o seguinte: 82.4%, possibilidade de acessar os conteúdos quantas vezes quiser, em qualquer tempo e espaço; 70.6%, organizar os horários de estudo dentro da rotina diária; 70.6%, possibilidade de estudar em casa ou no local mais conveniente; 23.5%, existência de mecanismos de comunicação para tirar dúvidas e interagir com colegas e

professores e 17.6% referiam-se ao contato com conteúdos mais interativos do que na sala de aula presencial.

Ressalta-se, como grande vantagem sentida pelos alunos, a possibilidade de estudar de forma flexível, sem restrições de tempo e espaço, com adequação à rotina e possibilidade de contato permanente com o material de estudos. Essas vantagens convergem com as citadas em diversos estudos. Bottentuit Junior e Coutinho (2007) destacam que entre as principais vantagens dos ambientes virtuais de aprendizagem podemos destacar a facilidade de comunicação com o professor e a facilidade de aceso a apontamentos, exercícios, problemas e exames. A riqueza de conteúdos acessíveis de maneira flexível independente de restrições de tempo e espaço e a participação dos alunos nas discussões em grupos foram os pontos altos da experiência realizada e consonantes às vantagens da aprendizagem via AVA.

Com relação às desvantagens, perguntou-se: “Selecione as opções que na sua opinião traduzem DESVANTAGENS da aprendizagem via AVA (marque quantas quiser e se desejar escreva mais uma desvantagem com base na sua experiência)”. A grande desvantagem, apontada por 82.4% dos alunos foi a seguinte: “Adaptação: Falta de hábito de estudo a distância e necessidade de maior organização da rotina”. Em que pesou o fato, já citado, de o curso ter sido ofertado em período no qual os alunos estavam sobrecarregados de atividades. Outras desvantagens apontadas foram as seguintes: 11.8%: Acesso: Restrições de acesso a computador com internet; 5.9%: Apoio virtual: Insatisfação quanto aos retornos da professora sobre as minhas dúvidas; 11.8%: Outros: “Alunos tiveram menos atenção e dedicação por estarem envolvidos em outras atividades desgastantes”; “A didática aluno/professor é diferente das aulas presenciais”.

Verifica-se que a questão de possibilidade de acesso está resolvida para a maioria dos alunos que têm oportunidades para acessar em diversos lugares. O apoio virtual e as interações com a equipe docente e de tutoria foi satisfatória, já que somente 5% destacou desvantagem quanto a isso. Com relação às respostas registradas no campo aberto, a primeira já é conhecida e a segunda explicita que a didática é diferente e realmente é, mas o fato de ser

diferente, por usar suporte tecnológico diverso do presencial, pode ser considerado uma forma complementar e inovadora de aprender.

A partir da experiência com o AVA, a sexta questão buscou aferir a opinião dos alunos com relação às disciplinas que sugerem para serem desenvolvidas via AVA de modo semipresencial. As disciplinas mais citadas, juntamente com o número de ocorrências, foram as seguintes: Ética/Bioética: (11); Momento Integrador (7); Antropologia (5); Biossegurança (5); Sociologia (5); Produção de Texto/Redação/Língua Portuguesa (4); Metodologia da Pesquisa (4).

As disciplinas citadas pelos alunos estão em consonância com as ideias da gestão institucional para executar algumas disciplinas na modalidade semipresencial, acreditando que para operacionalização via AVA devam ser selecionadas disciplinas de caráter mais teórico e que não trabalhem conhecimentos fundamentais para a atuação profissional.

5- Conclusões e Recomendações

Com base na experiência institucional e nos resultados da pesquisa, e considerando ainda que a área de saúde possui algumas especificidades e preocupações que devem ser consideradas, foram elaboradas sete orientações, visando que a aprendizagem via AVA obtenha resultados satisfatórios.

1. Escolha das disciplinas/conteúdos: Seleção de conteúdos secundários que apoiem a formação, mas que não sejam basilares para a formação profissional. Sugere-se desenvolver disciplinas/cursos de extensão que complementem as bases fornecidas em sala de aula.

2. Ações de capacitação: No início de uma disciplina ou cursos é preciso uma capacitação tecnológica para que os alunos compreendam o funcionamento do AVA e as principais funcionalidades que irá utilizar para acessar os conteúdos, interagir e postar suas atividades. A existência de um manual do ambiente e as dicas do professor-tutor complementam as orientações iniciais.

3. Apoio online permanente: A experiência de aprendizagem via internet em um AVA é nova para a maioria dos alunos, portanto, é fundamental que o aluno sinta-se constantemente acompanhado. O professor-tutor deve postar avisos, lembretes e orientações para os alunos e estar disponível para esclarecer dúvidas sobre o AVA e os conteúdos abordados.

4. Estruturação do material didático para ava: A maneira como as atividades propostas são publicadas e encadeadas, que recursos do AVA utilizam e quais os propósitos didáticos de cada uma são questões pensadas muito antes da disponibilização online. Portanto, é preciso haver uma equipe gestora que pense nas questões pedagógicas e no design instrucional da disciplina ou cursos com base na ementa, nos objetivos e no público que será atendido para orientar o professor ao longo da composição do material do curso.

5. Seleção de recursos: Os recursos multimídia que farão parte do roteiro de estudos como textos, vídeos, links e atividades de fixação, construção e síntese precisam ser encadeadas de forma a possibilitar o bom entendimento de cada tópico de conteúdo.

6. Ferramentas de comunicação: É importante dosar o uso das ferramentas síncronas e assíncronas, bem como extrair todo o seu potencial, para que os alunos se sintam atendidos em suas necessidades.

7. Estratégias didáticas específicas para área da saúde: É necessário assegurar estratégias de apoio teórico-prático, que subsidiem o aluno para o contato e tomadas de decisões com base em dados clínicos reais. Utilizar as metodologias de ativas de aprendizagem voltadas para área da saúde como o TBL (Team Based Learning) e o PBL (Problem Based Learning).

Ao concluir este texto, não se encerra a reflexão e a necessidade novos estudos sobre o assunto. Cabe enfatizar que as ações de ensino-aprendizagem baseadas na mera transmissão-recepção de conteúdo precisam ser superadas, nesse sentido os AVAs, por meio de ferramentas comunicacionais interativas e problematizadoras podem auxiliar, desde que não se convertam em simples repositórios de conteúdos.

A possibilidade de utilizar um AVA em todo o seu potencial e variedade de funcionalidades pode contribuir significativamente para a construção de uma educação dialógico-problematizadora, permitindo a participação ativa do

educando pela interação em estratégias de aprendizagem dinâmicas, contextualizadas e inovadoras.

Referências

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara. Uso da Plataforma de Ensino a Distância Webct numa Disciplina de Mestrado. In: **IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação** (IX SPCE). Funchal, Portugal, Abril/2007.

LEMOS, A. **Cibercultura**. 4ª ed. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARQUES, A. C.; CAETANO, J. S. Utilização da informática na sala de aula. In: MERCADO, L. P. L. (Org.) **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 131-168.

NETTO, A. A. O. **Novas tecnologias e universidade**: da didática tradicionalista à inteligência artificial – desafios e armadilhas. Petrópolis: Vozes, 2005.PAGTEL; E.LIFE. Jovens brasileiros e o mundo móvel. Disponível em: https://www.pagtel.com.br. Publicado em: 04/10/2013.

REALI, A. M. de M. R.; SIMIÃO, L. F. O uso do computador, conhecimento para o ensino e a aprendizagem profissional da docência. In: MIZUKAMI, M. da G. N.; REALI, A. M. de M. R. (Orgs.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: UFSCar, 2007. p. 127 – 149.

SOUZA, S. A. F.. A Internet e o ensino de línguas estrangeiras. In: **Linguagem & Ensino**, v. 2, n. 1. p. 139-172. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2009.

TIJIBOY, Ana Vilma. (et al). **Interação com afeto**: aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem. Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS. v.7 nº1, Julho/2009.